

LUDMILA
ULITSKAYA



MENTIRAS
DE MULHER



cavalos de ferro

Diana

A criança lembrava um ouriço – cabelo rijo, escuro, eriçado, nariz esticado, curioso, estreitinho na ponta, e com o feitio engraçado de criatura independente, sempre a farejar, sempre inacessível a um carinho, a um simples toque, para não falar do beijo materno. Aliás, a mãe dele, pelos vistos, também era da raça erinácea: não tocava no filho, nem sequer lhe estendia a mão na vereda abrupta quando subiam da praia para casa. Trepava sozinho, à frente, e a mãe, atrás, dava-lhe a liberdade de se agarrar aos tufos de ervas, de içar o corpo e depois escorregar, de se atirar de novo à subida, cortando caminho até casa e recusando a curva suave da estrada por onde iam todos os veraneantes normais. O miúdo ainda não fizera três anos, mas já tinha um carácter tão definido e tão independente que a própria mãe chegava a esquecer-se de que era quase um bebé e tratava-o como a um adulto, contava com a sua ajuda e protecção; só depois caía em si, pegava no pequeno, fazia-o saltitar no colo – «Pula, pula, cavalinho; pula, pula, cavallão» –, e ele ria-se todo, caindo-lhe entre os joelhos, no regaço da saia...

– Sachka lasca – brincava a mãe.

– Génhia pénhia! – respondia ele, alegre.

Viveram assim uma semana inteira, sozinhos no quarto mais pequeno de uma casa grande, uma vez que os outros quartos, cuidadosamente arrumados e preparados, esperavam

os respectivos inquilinos. Decorriam os meados de Maio, início da época balnear, o tempo estava fresco, ainda não dava para tomar banho, mas, em compensação, a folhagem das plantas meridionais não endurecera nem perdera o viço, e as manhãs eram tão claras e limpas que Génia, desde o primeiro dia em que acordou ali, por acaso à hora do alvorecer, nunca mais perdeu nenhum nascer do Sol, um espectáculo diário que ela nem suspeitava que existisse. Viviam tão maravilhados, com tanta paz, que Génia acabou por duvidar dos diagnósticos dos especialistas em psiquiatria infantil a propósito do seu arrebatado e explosivo filho. O rapaz não fazia birras, não entrava em histeria, até se poderia qualificar de obediente, se Génia, de uma maneira geral, tivesse a noção exacta do que significava «obediência»...

Na segunda semana, à hora do almoço, parou um táxi ao pé da casa e despejou uma chusma de gente: primeiro, o motorista, que tirou da bagageira um bizarro engenho de ferro para utilização desconhecida; depois, uma grande e linda senhora de juba leonina e ruiva; depois, uma velhota toda torta que foi imediatamente enfiada no engenho já montado; depois, um garoto um pouco mais velho do que Sachka e, por fim, a senhoria da casa, Dora Surénovna, com a maquilhagem de gala e azafamada até mais não...

A casa situava-se no declive da colina, de través em relação a tudo, passando-lhe a estrada por baixo, por cima um caminho de terra e intransitável, e ainda uma vereda ao lado, o caminho mais curto para a praia... O quintal, porém, era uma maravilha de organização: ao centro, havia uma mesa grande rodeada de árvores de fruto, e duas construções, frente a frente, e também a cabina do chuveiro, a casa de banho e um barracão – tudo disposto em círculo como um cenário teatral. Génia e Sachka estavam sentados numa ponta da mesa a comer massa e, quando toda a companhia irrompeu no redondo quintal, perderam o apetite.

– Olá, olá! – A ruiva largou a mala e o saco, e deixou-se cair no banco. – Nunca os vi por cá!

E assim, num instante, tudo foi posto no devido lugar: a ruiva era de «cá», reclamava a primazia; Génia e Sachka eram os novos, logo secundários.

– É a primeira vez que vimos cá – disse Génia num tom de desculpa.

– Há uma primeira vez para tudo – respondeu filosoficamente a ruiva, e dirigiu-se para o quarto grande, o que tinha o terraço, aquele que Génia gostaria de ocupar, mas para o qual havia recebido um não resolutivo da senhoria.

O motorista levou para dentro a velhota na sua gaiola. A velhota chilreava tibiamente qualquer coisa, numa língua estrangeira; assim pareceu a Génia.

Sachka abandonou a mesa e foi-se, com ar importante e independente. Génia levantou a mesa, levou os pratos para a cozinha; o convívio era inevitável. O aparecimento da ruiva mudara por completo a paisagem do Verão.

O rapazinho loiro, de nariz muito arrebitado e crânio incrivelmente estreito, dirigiu-se à ruiva num já indubitável inglês, mas Génia não percebeu as palavras. A mãezinha ruiva, porém, retorquiu-lhe com nitidez: «*Shut up, Donald.*»

Génia nunca tinha visto ingleses. Agora ali estavam a ruiva e a família, exemplos perfeitos.

A apresentação a sério foi feita apenas à noite, a uma hora tardia – pelas noções do Sul –, quando as crianças já estavam deitadas, a loiça do jantar lavada, e Génia, tendo lançado o lenço sobre o candeeiro da mesa para que a luz não batesse nos olhos do Sachka adormecido, lia *Anna Karénina*, com o objectivo de comparar alguns acontecimentos da sua própria vida conjugal em vias de degradação com o verdadeiro drama da verdadeira mulher – a dos caracolinhos sobre o pescoço alvo, dos ombros femininos, dos folhos do penteador e da sacola vermelha feita à mão nos dedos brancos...

Génia nunca se atreveria a entrar no terraço iluminado da nova vizinha, mas esta tomou a iniciativa de lhe bater na janela com as unhas fortes e envernizadas, e Génia lá foi, já de pijama e com uma camisola quente por cima – de noite fazia frio.

– Quando passava pelo «supermercado do partido», o que é que achas que eu fiz? – perguntou a ruiva com severidade. Génia, aparvalhada, calava-se, não lhe passava pela cabeça nada de espirituoso. – Comprei duas garrafas de Crimeia, foi isso que fiz. Se calhar não gostas do *Portwein*, se calhar preferes o xerez, hã? Vamos!

E Génia, largando *Anna Karénina*, foi, como que hipnotizada, atrás daquela mulher luxuosa, agasalhada numa espécie de poncho, ou então era uma manta, felpuda, axadrezada, verde e vermelha...

O terraço estava um caos. A mala e o saco tinham sido abertos, e era incrível a quantidade de trapos alegres, multicores que cabiam lá dentro – amontoava-se roupa nas três cadeiras, na cama desdobrável e em metade da mesa. Na cadeira desdobrável estava sentada a mãezinha, com a carita esbranquiçada um tanto torcida e um sorriso obsequioso esquecido nos lábios.

A ruiva, sem tirar o cigarro da boca, encheu três copos com *Portwein* – no último, que pôs nas mãos da mãe, verteu um pouco menos.

– Podes tratar a mãezinha por Susan Iakovlevna, ou então de maneira nenhuma. Não compreende uma sílaba de russo, antes da trombose ainda percebia um bocadinho, depois esqueceu tudo. O inglês também. Só se lembra do holandês, a língua da sua infância. É o nosso anjo, mas um anjo completamente desmiolado. Bebe, *granny* Susie, bebe...

Com um movimento carinhoso, a ruiva meteu-lhe o copo nas mãos e a velha agarrou-o. Com afinco. Dava a impressão de que não esqueceria tudo...

O primeiro serão foi dedicado à biografia da família da ruiva deslumbrante. O anjo desmiolado de origem holandesa tivera uma juventude comunista, unindo o seu destino ao de um súbdito do Reino Unido de sangue irlandês, oficial do Exército Britânico e espião soviético, apanhado, condenado à pena capital, trocado por qualquer coisa equivalente e levado para a pátria mundial do proletariado...

Génia ouvia boquiaberta e nem deu conta de como se embebedou. A velhota ressonava baixinho na cadeira e, a certa altura, descuidou-se com um jorrinho delicado.

Irene Leary – que nome! – levantou os braços.

– Deixei-me distrair, esqueci-me de a pôr no penico. Bom, já não interessa...

E, durante mais uma hora, contaria ainda a invejável história da família, e Génia ficava cada vez mais embriagada – já não de *Portwein*, bebido até à última gota, mas de admiração pela sua nova conhecida.

Já passava das duas da manhã quando se despediram, depois de terem lavado sem grande brio e mudado a roupa a Susie, que, entretanto, acordou sem perceber absolutamente nada de nada.

O dia seguinte foi muito atarefado e barulhento: de manhã, Génia preparou o pequeno-almoço, serviu a toda a gente papas de aveia e levou ambos os miúdos a passear. O rapaz inglês, Donald, que, apesar de ter nascido na Rússia, tinha uma linhagem também admirável – o seu avô paterno era um espião ainda mais famoso, embora também um falhado trocado por uma preciosidade ainda maior do que o avô materno –, era muito querido: amistoso, bem-educado e assumiu de imediato uma atitude magnânima e condescendente de mais velho para com o mais novo, nervoso e explosivo Sachka, o que fez com que Génia simpatizasse tanto com ele como com a sua mãe ruiva. De resto, Donald era mesmo mais velho, já fizera cinco anos. Revelou logo de início uma nobreza quase adulta:

ofereceu prontamente a Sachka um carrinho engenhoso, mostrou-lhe como se levantava a capota e, quando chegaram ao quiosque da água, onde Sachka costumava fazer a birra e onde Génia lhe comprava uma gasosa num copo de vidro turvo, o garoto de cinco anos afastou com a mão o copo que também lhe ofereciam e disse:

– Bebam. Eu espero.

Um Lorde Fauntleroy, sem tirar nem pôr. Quando Génia voltou para casa, Irene estava à mesa do quintal com Dora e, pelo servilismo da senhoria perante a inquilina, via-se que Irene era tida aqui em alto apreço. Foi servida a todos uma sopa quente de carne de borrego feita pela senhoria, demasiado apimentada. O rapaz inglês comia devagar e muito educadamente. Diante de Sachka, uma tigela mantinha-se intacta, e Génia já se preparava para pôr em ordem a alimentação do filho, que era muito rigoroso nas suas preferências gastronómicas: comia puré de batata com almôndegas, macarrões e papas de aveia com leite condensado... E mais nada. Nunca...

Sachka, porém, olhou para o Lorde Fauntleroy e meteu a colher na sopa... E, pela primeira vez na sua vida, comeu um prato que não fazia parte da sua lista...

Depois do almoço as crianças adormeceram, mas as senhoras não se levantaram da mesa. Dora e Irene recordavam as férias do ano anterior, falavam divertida e comicamente das pessoas conhecidas, contavam histórias antigas de veraneio. Susie estava na sua cadeira, com um sorriso tão imutável e importuno como o sinal castanho que tinha entre o nariz e a boca. Génia ficou um pouco com elas, tomou uma chávena do bom café de Dora e depois foi para o seu quarto – deitou-se ao lado de Sachka e pegou no *Anna Karénina*. Mas a leitura, a uma hora tão diurna, era quase inconveniente, por isso pôs de lado o livro gasto e caiu na modorra, imaginando, enlevada no sono, como estaria à noite no terraço com Irene, a sós, sem Dora... bebendo *Portwein*. Que bom seria... E de repente, como

se a ideia lhe caísse de cima, das nuvens, percebeu que já ia no segundo dia – desde que chegara a ruiva Irene – em que nem uma vez se lembrara da sua nojenta porcaria de vida, à qual ainda era possível chamar de catástrofe: um caranguejo acastanhado-escuro, nodoso, que a sugava por dentro... que vá prò diabo, afinal que interesse tem todo esse amor... E mergulhou no fundo do sono...

Quando acordou, ainda estava nas nuvens porque, como não lhe acontecia havia muito, sentiu alegria na alma, e acordou Sachka, enfiou-lhe as calças e as sandálias, zarpou com ele para a cidade onde havia o carrossel, que ele adorava, e em frente o «supermercado do partido».

«Porquê “do partido”? Vou perguntar à Irene», pensou Génia. Duas garrafas de *Portwein*. Naquele ano tudo corria bem no respeitante a álcool: ainda não tinha sido atacado por Gorbatchov, e os vinhos da Crimeia continuavam a ser produzidos pelos sovkhoses, pelos kolkhoses e pelos velhinhos particulares – secos, meio-secos, licorosos, de Massandra e de Nóvi Svet, baratos e preciosos... Quanto a açúcar, manteiga e leite – nada... Mas disso até se esquecia, como se fosse coisa pouco substancial. Porque a vida em si era muito substancial.

À noite beberam de novo *Portwein* no terraço. Só que levaram a mãezinha para a cama mais cedo, sem que ela se insurgisse. De uma maneira geral, a velhota limitava-se a acenar com a cabeça, a agradecer numa língua desconhecida e a sorrir. Apenas de vez em quando exclamava «Irene!» e, quando a filha se aproximava dela, sorria envergonhada, porque já se esquecera do motivo por que a chamara.

Irene fincava o cotovelo na mesa e apoiava a bochecha na mão esquerda. Segurava o copo na mão direita. Estavam espalhadas cartas por toda a mesa – restos de uma paciência.

– Já vai no segundo mês que tento e não consigo. Há qualquer coisa que não bate certo... Génia, gostas de cartas?

– Em que sentido? Na infância jogava ao burro com o meu avô na casa de campo... – Génia ficara surpreendida com a pergunta.

– Se calhar, ainda bem... Mas eu gosto... Gosto de jogar e de deitar as cartas... Tinha dezassete anos quando uma cartomante predisse o meu destino. Eu devia era ter esquecido aquilo... Mas não esqueci. E olha que se tem cumprido tal qual ela o disse. – Irene pegou em várias cartas, afagou-lhes as costas multicores e atirou-as para cima da mesa, de costas para o tampo: em cima ficou o nove de paus.

– Odeio esta carta, não me larga... Fora daqui!... Faz-me azia...

Génia pensou um pouco e perguntou:

– Queres dizer que sabes sempre como as coisas vão acabar? Isso não é um pouco entediante?

Irene ergueu o sobrolho amarelo:

– Entediante? Bem, não percebes nada... Oh, entediante é que não é... Se eu te contasse...

Irene serviu os restos da primeira garrafa. Deu um gole, afastou o copo.

– Já percebeste que sou uma tagarela, não percebeste? Conto tudo sobre mim, não guardo segredos. E os segredos alheios também não, tem isso em conta, para o que der e vier. Mas há uma coisa que nunca contei a ninguém. És tu a primeira. Nem sei porque me apeteceu... – Sorriu, deu de ombros. – Surpreendo-me comigo própria.

Génia também apoiou o cotovelo na mesa e a bochecha na mão. Estavam frente a frente, com uma expressão abstracta e pensativa, de olhos nos olhos como num espelho... Génia também estranhava que, tão de repente, Irene a escolhesse para confidente. E também se sentia lisonjeada por isso.

– A minha mãe era uma beldade, muito parecida com a Deanna Durbin, se isso te diz alguma coisa. E sempre foi uma idiota. Não, idiota não, atrasada mental. Gosto muito dela.

Mas houve sempre uma grande confusão naquela cabeça: por um lado, era comunista, por outro, luterana, e, para cúmulo, admiradora do Marquês de Sade. Estava sempre pronta a dar tudo o que tinha, sem pensar duas vezes, mas era capaz de armar uma cena de histeria ao meu pai porque, de repente, precisava daquele fato de banho que comprara em 1930 no Boulevard Saint-Michel, na esquina mais próxima do Jardim do Luxemburgo... Quando o meu pai morreu, tinha eu dezasseis anos, ficámos sozinhas. Ela era de uma inépcia total, impressionante (e posso agradecer isso ao meu pai, nem sei como o consegui, com a sua vida incrivelmente difícil), incapaz de trabalhar um dia que fosse, porque, com as suas duas línguas maternas, o inglês e o holandês, não conseguiu aprender russo. Em quarenta anos! O meu pai trabalhava na rádio, onde podiam dar emprego à minha mãe. Mas mesmo não sendo necessário falar russo, tinha de saber pelo menos dizer «Bom dia!» ou ler o aviso «Silêncio. Gravação». Nem isso. Então, quando o meu pai morreu, eu é que fui trabalhar, logo a seguir; não tenho curso nenhum, mas sou dactilógrafa de primeira, em três línguas...

» Ora bem, voltando às sinas. Eu tinha uma amiga, uma velha inglesa que calhou ficar na Rússia desde os anos 1920. Há uma pequena comunidade de ingleses russos cá. Conheço-os a todos, é natural. Ou são comunistas, ou são especialistas técnicos nisto ou naquilo, e, por qualquer razão, ficaram a viver na Rússia quase desde os tempos da NEP. Bom, essa tal Anna Cork ficou por amor. O seu homem foi fuzilado, mas ela teve sorte e sobreviveu. Cumpriu pena de prisão, claro. Perdeu uma perna. Quase não saía de casa. Dava aulas de Inglês. Deitava as cartas. Não levava dinheiro pelas sinas. Mas aceitava presentes. Ensinou-me umas certas coisas, mas eu também lhe era útil...

» Numa ocasião, estava eu em casa dela, chegou uma senhora muito bonita, mulher de um general ou de um funcionário do partido, qualquer coisa assim: parece que não conseguia

ter filhos, ou queria aconselhar-se sobre se deveria adotar ou não. Então, a minha amiga Anna pôs-se a falar com ela à sua maneira habitual, numa língua esquisita, com um sotaque fortíssimo, embora soubesse falar russo tão bem como eu e tu, acredita, basta dizer que passou oito anos no *gulag*. E os palavrões que ela sabia... Aquilo era um espectáculo, qual Teatro de Arte, qual quê! Mas quando achava que era preciso, falava com um sotaque, céus... Portanto, com essa bonitona, nem sim nem sopas, tudo com muitos rodeios, muito ambíguo, daquela maneira que falam as cartomantes... haverá filho, não haverá filho, mas é melhor que não haja...

» Até que, de repente, vira-se para mim e diz: «Começas com o quinto, não te esqueças... Com o quinto...»

» «O que é que eu começo com o quinto? É um disparate qualquer», pensei. E acabei por me esquecer daquilo. Mas quando chegou a altura, lembrei-me...

Irene voltou a assentar o queixo na palma da mão. Pensativa. Os seus olhos tinham um ligeiro matiz animal, como os de um gato... Conforto, ternura e uma fina inquietude...

Génia tinha amigas com quem estudava no mesmo curso, mantinha com elas conversas sobre assuntos importantes e substanciais, sobre arte e literatura, sobre o sentido da vida. O trabalho do seu diploma de licenciatura versava sobre os poetas modernistas russos da década da 1910, e o tema da sua tese de doutoramento era muito sofisticado para aquela época – as ligações poéticas entre os representantes das correntes modernistas e os simbolistas dessa década. Teve uma sorte extraordinária: a sua orientadora na licenciatura era uma professora idosa que estava tão à vontade na literatura russa como na sua própria cozinha. Essa Anna Veniamínovna, divinizada pelos estudantes – sobretudo pelas raparigas –, conheceu todos esses poetas pessoalmente, e não de ouvir falar: fora quase amiga de Akhmátova, tomara chá com Maiakóvski e Lília Brik, assistira aos recitais de Mandelstam e vira ao vivo

Kuzmin... Com Anna Veniamínovna, Génia arranjou conhecimentos importantes, andou no meio dos intelectuais humanitários, chegou a ter pretensões de, com o tempo, se tornar também uma figura importante. E, verdade seja dita, nunca na vida tinha ouvido uma tagarelice tão vulgar como a daquela noite no terraço. O estranho era que nessa conversa vulgar havia qualquer coisa de importante e substancial, e muito real. Talvez fosse até o famigerado sentido da vida?

Contente com a doce embriaguez provocada pelo *Portwein*, com o silêncio e a escuridão do outro lado da janela, em que tremeluzia a mancha de luz do lampião na folhagem da figueira grande, Génia deliciava-se também com a libertação – que pressentia provisória – dos problemas obsessivos, importantes (importantes?) e por resolver da sua vida...

Irene varreu as cartas da mesa – uma parte caiu no chão, outra aterrou na cadeira...

– A Susie fica deitada no divã de manhã à noite, com um livro, a chupar rebuçados. Só agora compreendo: ela passava por uma depressão; mas naquela altura via apenas que ela estava a transformar-se em minha filha. E tem em conta que isso tudo foi muito antes da trombose. É claro que não a alimentava à colher, mas se não lhe punha a sopa no prato, ela era capaz de ficar sem comer durante três dias... Decidi que precisava urgentemente de um filho, meu próprio, verdadeiro, porque não me apetecia nada transformar-me em mãe da minha própria mãe. Que ela seja avó, pelo menos, que ande a passear o carrinho... Casei-me à pressa, com o primeiro que me calhou. Era um rapaz da mesma praceta. Bonito e um parvalhão absoluto. Engravidei e durante nove meses exibi a barriga como uma medalha. Fala-se de toxemia, de indisposição, de tensão arterial... De que mais sofrem as grávidas? Pois eu é que não tive nada disso. Estava a meio de um trabalho quando tive de ir para a maternidade. Nem tive tempo de dactilografar o texto até ao fim, e pensei: «Tenho o filho, é rápido, depois acabo o trabalho,

dois dias, não é preciso mais...» Mas não foi assim. Cordão umbilical enrolado. O meu bebé morreu: a parteira era jovem; a médica, irresponsável. Negligência, e foi assim que perdi o meu filho... O que deveria ter feito? Bastava uma simples comadre da aldeia... E eu, uma idiota de dezoito anos. Dito e feito, aponta aí: morreu o meu primogénito, David, era o nome que lhe queria dar, em memória do meu pai. Desataram a correr-me rios de leite dos peitos; e de lágrimas...

Irene pousou em Génia um olhar semicerrado, perscrutador, como que a matutar se deveria ou não continuar.

– O Sachka também nasceu com o cordão enrolado – disse Génia baixinho, com a voz abalada. Sabia que isso era muito perigoso para os bebés, porém era a primeira vez que via uma mãe que tinha perdido assim o filho, por causa desse nó idiota que alimentou fielmente a criança durante nove meses, mas que no fim, de repente, a estrangulou...

– Dois meses depois voltei a engravidar. Não conheces o meu carácter: quando quero uma coisa, arranco-a das profundezas da terra. E lá andava eu, mais uma vez grávida. Já não foi tão divertido: enjoada, gases, aquela moleza... Mas não perdi o ânimo. O meu marido, esse paspalho de merda, era mecânico de automóveis. Já te disse que me casei com o primeiro que apareceu. Queimava tudo o que ganhava na bebedeira. De cara era um Alain Delon, tal qual, mas de boa estatura. Eu trabalho como uma doida, sempre a matraquear na máquina, ganho bastante. Para os rebuçados da Susie chega.

» Da primeira vez tinha a certeza de que era um rapaz, mas da segunda planeei uma menina. A barriga crescia, e a minha única alegria feminina era, quando recebia, ir logo às lojas: meias... camisinhas, *babygros*... Tudo soviético, grosseiro, mal confeccionado. Ora bem, eu própria cresci nas ruas, andava a trepar às cercas... É que os meus pais, no princípio, foram mandados para a cidade de Voljsk, com um nome falso. Só aos dez anos conheci o meu nome verdadeiro. Quando deixaram

de ser funcionários secretos, a irmã da minha mãe mandou-nos uma encomenda de presente. Na embalagem vinha também um boneco. Ora, eu detestava bonecos, nem queria ser rapariga, quanto mais... Chorava quando me enfiavam dentro de uma saia. Quando começou a crescer-me o peito, por pouco não me enforquei... – Irene endireitou os ombros, os seus grandes seios ondularam do pescoço até à cintura.

Génia olhava para ela com inveja: aquela mulher tinha cá uma biografia... Também era visível que Irene estava ciente da sua significância.

– A menina nasceu logo muito bonita, desde o primeiro minuto. Nada daquelas coisas dos recém-nascidos, como mucos, vermelhidões, asperezas. Tinha os olhos azul-escuros, o cabelo preto, já crescidinho. Herdou isso do mecânico. Mas os traços do rosto eram meus. O meu nariz, o meu queixo, o contorno do rosto...

Era como se Génia visse Irene pela primeira vez: o cabelo ruivo, à primeira impressão, não deixava perceber como era bonita. Sim, o contorno do rosto, o nariz, o queixo... Até os dentes. Os de outra inglesa qualquer, se calhar, fariam lembrar os de um cavalo, mas esta tinha uns dentes ingleses bonitos: compridos, brancos, um pouco espetados para a frente, apenas o suficiente para lhe levantar o lábio, como se viessem ao nosso encontro, como que à espera...

– Olhei para ela e percebi que se chamava Diana. Que era o único nome para ela. Era pequenina, muito bem feita, com as pernas compridas, femininas. E um rabinho saliente. Era a rapariga mais bonita do mundo. Não, não é a minha imaginação de mãe. Todas a admiravam. Expulsei o mecânico de casa, três dias depois de ter alta da maternidade. Aquele indivíduo já era um insulto para os meus olhos. Quando pegou na miúda pela primeira vez, ficou claro para mim: a Diana tem de ter outro pai. Não por mim, que ainda não era uma verdadeira mulher. As coisas com o mecânico não tinham funcionado, mas eu

não percebia isso. Ora, quando ele pegou na minha filha ao colo, vi logo como o homem era rasca. Foi a minha filha que mo deu a entender. Era inteligente e calma. Nunca na vida (não te rias, por favor!) vi uma mulher assim. Sabia perfeitamente como devia portar-se, de uma maneira com esta pessoa, de outra maneira com aquela, sabia o que se podia esperar dela. Imagina só que ela era condescendente para com a Susie. Não chorava quando eu a deixava com a avó. Percebia que era inútil. Tinha quatro meses quando lhe comecei a ler livros. Se gostava, dizia «dá-dá-dá...»... Se não gostava, dizia «ná-ná-ná...» Aos seis meses já compreendia tudo, literalmente tudo, e aos dez meses começou a falar. Andou a balbuciar durante um mês, depois saiu-se com isto: «Mamã, a mosca voa.» Sim, realmente era uma mosca...

» Amamenteei-a durante muito tempo. O leite não secava, e ela gostava do peito. Apertava, mamava, depois passava a mãozinha pela mama e dizia: «Obrigada.» Até que adoeci; gripe. A temperatura subiu-me acima dos quarenta, fiquei inconsciente. Não podia dar-lhe o peito. Iam as minhas amigas lá a casa, davam *kefir* e papas à Diana, já ela tinha quase um ano. Queria estar ao pé de mim, mas não a deixavam, por causa do contágio. Ela gritava do quarto pequeno: «Mamã, não percebo!» A Susie também ficou doente. Era uma epidemia terrível, as minhas amigas também se contagiaram, umas a seguir às outras. Não me lembro de nada.

Irene tapou os olhos com a mão, como se a incomodasse uma luz forte. O cabelo encobriu-lhe quase todo o rosto. Génia percebeu que algo de pavoroso ia ser revelado agora, uma coisa que acontecera naquele tempo... Mas tinha uma pequena esperança...

— Depois levantei-me, aproximei-me da Diana... estava a arder em febre — continuou Irene, e Génia viu as narinas avermelhadas e as pálpebras pálidas da inglesa. — Chamei o médico. Começaram logo a injectar-lhe antibiótico. À segunda injecção,

a Diana teve uma reacção alérgica, ficou toda coberta de borbulhas. Bem, eu sou alérgica, e ela era minha filha. Receitaram-lhe o mesmo *Seduxen* que a mim, mas numa dosagem vinte vezes menor. Entretanto, eu ficava cada vez pior. Quarenta de temperatura, às vezes parecia que me desligava de tudo. Voltava a mim, dava *kefir* à bebé, à minha mãe também. De vez em quando alguém entrava e saía. Armei um escândalo à médica que exigia a hospitalização imediata. Apareciam as minhas amigas. Vizinhas. Lembro-me de que apareceu o mecânico. Bêbedo. Corri com ele.

» Levantei-me como uma sonâmbula, pus a Diana no bacio, mudei-lhe a roupinha, dei-lhe um comprimido... Ela, a minha linda, virava a cara do espelho, dizia «não quero»... Não gostava de borbulhas...

» Génia, as embalagens do *Seduxen* eram perfeitamente iguais, a minha e a dela. Não sei quanto lhe dei. Ainda por cima, não atinava com as horas. Com a minha febre de quarenta graus, quais horas, quais quê! Não percebia se era de manhã, se era de tarde. Só tinha gravado na cabeça que tinha de dar o medicamento à Diana... Estávamos em Dezembro, uma escuridão praticamente todo o dia... No dia 21 de Dezembro levantei-me, era o solstício, aproximei-me da Diana, toquei-lhe... estava fria. «Baixou-lhe a febre», pensei. O candeeiro da mesa de cabeceira estava aceso, olhei para a cara dela, estava muito branca. As borbulhas tinham desaparecido... Não quis acordá-la, deitei-me. Depois tornei a levantar-me, e pensei que seriam horas do medicamento. Só então percebi que a minha querida Diana estava morta...

Génia via a cena, como se fosse um filme. Irene de camisa de noite branca, comprida, inclinada sobre a caminha da criança, e tirando de lá a menina, também de camisa branca. Só não viu o rosto da menina porque estava tapado por aquele cabelo ruivo brilhante que até hoje continua a viver, encaracolado, cintilante... mas Diana já não existe...

Génia não conseguia chorar porque se lhe formou um coágulo no coração amargurado e as lágrimas não saíam.

– O funeral da minha filha foi feito sem mim. – Irene olhou Génia nos olhos de modo tão frontal e implacável que Génia pensou: «Meu Deus, como posso pensar em ninharias quando na vida há coisas destas?» – A inflamação das meninges agravou-se, andei três meses de hospital em hospital. Depois ensinaram-me a voltar a andar, a segurar a colher na mão. Tenho fôlego de sete gatos. – Irene riu-se amargamente.

Sim, a voz de Irene era invulgar, quem a ouvisse uma vez nunca a esqueceria: rouca, suave, parecia a voz de uma cantora que estava a conter-se porque, se cantasse, todos se desfariam em pranto e correriam aonde aquele canto de sereia os mandasse.

E, ao som desse belo canto imaginário, Génia rebentou em choro, a amargura da história começou a derramar-se-lhe em torrentes de lágrimas. Irene meteu-lhe nas mãos um lenço branco, rendado e perfumado, e Génia encharcou-o num instante.

– Faria agora quinze anos. Sei perfeitamente que aspecto ela teria, como falaria, como se mexeria. A estatura, a figura, a voz, sei tudo isso com exactidão. Sei quais seriam as pessoas de quem ia gostar e as que iria evitar. E o que detestaria.

Irene fez uma pausa, e pareceu a Génia que ela perscrutava a escuridão, como se ali, num canto, estivesse a sua menina – esguia, de olhos azul-escuros e cabelo negro, mas absolutamente invisível...

– Do que ela gosta mais é de desenhar – continuou Irene, sem desviar os olhos da escuridão densa do canto. – Desde os três anos que se tornou claro que a vocação dela era a pintura. Fazia uns quadros completamente loucos. Aos sete anos, a pintura da Diana lembrava a de Čiurlionis. Depois, o desenho foi-se tornando mais nítido, embora mantivesse o misticismo e a ternura...

Génia, intelectual soviética, mãe e a braços com um casamento fracassado, tem o dom de atrair as confidências de mulheres com quem se vai cruzando ao longo dos anos. São relatos de intimidade, histórias de lutos, adultérios, ligações escandalosas e ilusões perdidas que Génia escuta com benevolente ingenuidade, compaixão e não menos surpresa, pois todas elas acabam, invariavelmente, por se revelar falsas. Artificiosas, inofensivas e quase infantis, as mentiras que estas mulheres contam a si mesmas, sem necessidade aparente, revelam-se fonte de reinvenção e sobrevivência perante a desilusão que sentem com a vida e a estreiteza do seu mundo.

Mosaico de várias histórias, *Mentiras de Mulher* é, segundo a autora, o romance mais verdadeiro que alguma vez escreveu. Com a sua invulgar mão de romancista, Ulitskaya abre uma porta para a vida interior de mulheres resilientes, astutas e corajosas, de diferentes origens, idades e destinos, cuja arte de saber viver está intimamente ligada à arte de contar histórias.

«Intenso, divertido, sublime.»

La Nouvelle République

«Histórias que transbordam engenho.»

Handelsblatt

«Um verdadeiro prazer para o leitor.»

Le Soir



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897872617



9 789897 872617 >